

HOBSBAWM, Eric J. Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2011. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos*
Diana Patricia Ferreira de Santana**

O último livro do historiador Eric Hobsbawm, falecido em 1 de outubro de 2012, ilustra todo o vigor e gigantismo de sua obra. O volume reúne textos originados da pena do historiador entre 1956 e 2009. *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2011* (HOBSBAWM, 2011a) é talvez o maior exemplo em sua obra de um esforço de rigor e erudição, até mesmo em relação aos já conhecidos e consagrados volumes de sua produção historiográfica, como *A Era do Capital*, *A Era das Revoluções*, *A Era dos Impérios* e *A Era dos Extremos* (HOBSBAWM, 1988a, 1996, 1995 e 1988b).

Com uma precisão de detalhes e um rigor não menos surpreendente Hobsbawm consegue fazer todo um mapeamento do alcance das idéias de Marx e do marxismo percorrendo os séculos XIX e XX. Destaque-se também uma série de pontos que emergem do profundo

* Professor do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (Unesp)

** Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

conhecimento da obra de Marx que servem para o historiador inglês desmistificar vários lugares comuns que lhe são associados e não encontram respaldo na obra do pensador prussiano. Vejamos.

Entre os vários argumentos elencados com tal orientação ao longo do livro, expõe-se como Marx advogou o fim da separação entre Estado e povo, o fim da separação entre representação e participação, ainda que em termos vagos de sua análise da Comuna de Paris em 1871 (HOBSBAWM, 2011a, p. 56). Não há nada que justifique a representação ou presença ditatorial nos conhecidos marcos da experiência histórica do leste europeu do século XX.

Hobsbawm trata muito bem da ausência de elementos mais concretos e específicos na obra marxiana para pensar uma sociedade e economia socialistas. Aborda ainda como seria reducionista tratar o Estado somente como coerção de classe, formulação que se opõe à maturação de sua obra na qual a amplitude do tema é marcante (HOBSBAWM, 2011a, p. 57), ainda que a “regra” seja aquela na qual o Estado representa os interesses da classe dominante e mais poderosa. No mesmo diapasão, Marx dificilmente teria sustentado a máxima velocidade de desenvolvimento das forças produtivas no socialismo, assertiva vulgar difundida no contexto dos planos quinquenais soviéticos confrontados com a crise capitalista do entreguerras. O que Marx efetivamente defendeu conforme Hobsbawm:

“a irregularidade do crescimento capitalista produziu crises periódicas de superprodução que, mais cedo ou mais tarde, se mostrariam incompatíveis com a maneira capitalista de gerir a economia e geraria conflitos sociais aos quais ele não poderia sobreviver” (HOBSBAWM, 2011a, p. 17).

Um ponto fortemente lembrado na vulgarização de Marx é de que ele não vislumbrou a possibilidade de uma revolução na Rússia. Hobsbawm mostra a existência de análises marxianas sobre tal país, primeiramente identificado como o bastião da reação na Europa. A propósito, Hobsbawm cita Marx dando conta que a revolução na terra dos czares viria a “constituir o sinal para a revolução

proletária no Ocidente, de modo que uma complemente a outra” (*apud* HOBSBAWM, 2011a, p. 77), indicando claramente a conexão entre as revoluções dos países atrasados e desenvolvidos. É o próprio Hobsbawm quem comenta não haver raciocínio mais grotesco que afirmar que Marx esperava uma revolução somente nos países industrializados do Ocidente (HOBSBAWM, 2011a, p. 152).

Neste esteio, dentre outros pontos dignos de destaque, Hobsbawm critica as interpretações de cunho reformista associadas às obras do final da vida de Engels diante do crescimento eleitoral dos partidos social-democratas. Para o historiador nascido em Alexandria, o “que lançou dúvida com relação a sua análise foi a descoberta de que o crescimento dos partidos social-democratas de massa não levava a alguma forma de confronto e sim a alguma forma de integração do movimento no sistema. Se ele merece crítica, é por ter subestimado essa possibilidade” (HOBSBAWM, 2011a, p.70). Ainda no teor de avaliações críticas a Marx e Engels, reconhece que ambos subestimaram o nacionalismo (p. 75).

O processo dialético e incompleto de elaboração da obra marxiana é muito bem lembrado por Hobsbawm quando analisa os *Grundrisse*. Conforme Marx, eles eram “monografias, escritas em fases muito espaçadas, para meu próprio esclarecimento e não para publicação” (*apud* HOBSBAWM, 2011a, p. 123).

No que concerne aos *Grundrisse*, as seções intituladas *Formações econômicas pré-capitalistas* proporcionaram, em termos de sua repercussão, farto material para a crítica à ortodoxia vulgarizadora das idéias de Marx. No âmbito dos anos 1930 na União Soviética, Hobsbawm mostra como as resistências colocadas para a publicação dos manuscritos dos *Grundrisse* de Marx pelo Instituto de Marx-Engels de Moscou dirigido por David Ryazanov que seriam desinteressantes para a ótica da vulgata stalinista. Afinal, captar a dinâmica histórica não linear e não unidimensionalmente determinista e unidirecional dos distintos modos de produção na obra marxiana não serviria aos propósitos da cartilha do então secretário-geral do PCUS. Um exemplo remete à ausência da abordagem do modo asiático de produção nos textos de Stalin, justamente porque a característica de

tal categoria estaria associada à resistência à evolução histórica. Ainda que efetivada a publicação em Moscou entre 1939 e 1941 com a demissão de Ryazanov, várias “purgas” e a desorganização do Instituto Marx-Engels por Stalin, a edição dos *Grundrisse* ficou quase desconhecida até sua reimpressão em Berlim em 1953 (HOBSBAWM, 2011, pp. 160-1 e 171-2).

O dimensionamento da influência do marxismo no entre-guerras e após a Segunda Guerra Mundial é repleto de detalhes e de uma riqueza que este espaço disponível não permite aprofundar. Raciocínio, aliás, cabível à resenha como um todo, passível de falhas em virtude de seu buscar este ou aquele ponto em detrimento de outros não menos importantes.

A tradução de Donaldson M. Garschagen possui pequenos problemas. Exemplar nesse sentido é uma passagem que cita o *Manifesto Comunista* na qual se lê “o mundo criado pelo socialismo era ‘uma interdependência universal de nações’” (HOBSBAWM, 2011a, p. 75). Tal frase não faz sentido. O trecho original em inglês aponta ao invés de “socialismo” o equivalente a “capitalismo”¹.

Por fim, reconhecer as indiscutíveis virtudes do último livro de Hobsbawm implica também em fazer um exercício crítico de sua *opera*, ponto coerente com seu legado e sua perspectiva não dogmática do marxismo. Não se trata de argüir ou pretensiosamente buscar se sobrepor ao esforço do historiador britânico. Ao contrário, está em jogo sugerir pontos da maior relevância para o debate. Um aspecto que não pode escapar a tal discussão é a generosidade de Hobsbawm com o stalinismo, ponto já apontado com bastante substância em outra oportunidade pelo historiador Kevin Murphy no que confere à Revolução Bolchevique e seus desdobramentos mais imediatos (MURPHY, 2008). No que se refere ao livro como um todo, o historiador inglês aponta vários desserviços do stalinismo a uma perspectiva rigorosa e criativa do marxismo. Porém, Hobsbawm usa um tom aprovador à orientação

1 O trecho original é o seguinte: “The world created by capitalism, though increasingly unified, was ‘ a universal interdependence of nations’ (HOBSBAWM, 2011b: p. 73).

stalinista dos partidos comunistas. O registro generoso de Hobsbawm sugere uma sobrevalorização do papel desempenhado pela orientação do Comintern à luta antifascista, como se tal constatação se sobrepujasse a todos os equívocos do stalinismo (HOBSBAWM, 2011a, pp. 239-251). Vários deles, aliás, silenciados por Hobsbawm.

A apropriação stalinista da obra de Antonio Gramsci por Palmiro Togliatti é pautada na mesma tonalidade. Em que pese o reconhecimento de Gramsci como grande e criativo teórico marxista e da cultura do século XX para as sociedades ocidentais e orientais, ele aprova as edições italianas mutiladas que divulgaram seu pensamento para o grande público (HOBSBAWM, 2011a, pp. 285 e 303).

A despeito disto, não há dúvidas de que o livro de Hobsbawm é uma referência de suma importância para vislumbrar a relevância da obra de Marx e Engels e o alcance da influência do marxismo.

Referências Bibliográficas

HOBSBAWM, Eric. *A Era das Revoluções, 1789-1848*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988a.

_____. *A Era do Capital, 1848-1875*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *A Era dos Impérios, 1875-1914*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo 1840-2011*, São Paulo: Companhia das Letras, 2011a.

_____. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *How to Change the World: Reflections on Marx and Marxism*, New Haven, London: Yale University Press, 2011b.